

**O IMPACTO DAS NARRATIVAS ORAIS SOBRE O CONTEÚDO
VERBALIZADO NA ATIVIDADE DE FAZ-DE-CONTA DE UMA CRIANÇA
VÍTIMA DE VIOLÊNCIA**

Heliana Castro ALVES¹

ABSTRACT: This article shows preliminary results of a research on children that live in a violent social and familiar context through the analysis of their verbalization during playing sessions. The focus was on a 5 years ' child that live inside a hostile community, suffers of physical abuse and is left behind alone. Fairy-tales were presented to the child and toys were offered to help expressing her feelings and thoughts. From the analysis of the child 's verbalizations, it was possible to observe that the fairy-tales offer elements that organize the child's playing and occasionally can help to express her way of life.

Problemas de pesquisa

A partir da oferta de estímulos diferenciados, possuindo como eixo as narrativas orais e as atividades de representação simbólica, se questiona em que medida os conteúdos verbais e as ações lúdicas refletem a realidade de vida da criança, e, sequencialmente, como ela constrói esta realidade e se constitui como sujeito neste contexto. Pergunta-se ainda qual o impacto das narrativas dos Contos de Fadas sobre as ações lúdicas e a emissão de conteúdos verbais.

Fundamentação teórica

Uma das maiores descobertas da psicanálise foi o uso das atividades lúdicas como uma das formas de revelação de conflitos interiores das crianças. Neste campo teórico, a criança se expressa ao brincar. Apesar de serem processos diferenciados, enquanto os adultos se revelam através da fala, as crianças se revelam através do brincar. Para a psicanálise, é fundamental que a palavra e o brincar do infante sejam resgatados para que desta forma a criança deixe de ser objeto dos desejos e necessidades dos adultos, possibilitando uma investigação de com o ela pensa, sente, percebe o mundo à sua volta (Mrech, 2002). A psicanálise considera que o brinquedo e o brincar são os melhores representantes psíquicos dos processos interiores da criança. Enquanto atividade terapêutica, o brincar possibilita que o infante supere a situação traumática, visto que ao simbolizar, falar e representar os conteúdos que o perturbam, pode conhecer melhor as situações, idéias, pessoas e coisas. Ao considerar ainda que, segundo Lacan, o

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação Especial (PPGEE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Bolsista CNPq. E-mail: helianasol@gmail.com

inconsciente é estruturado como linguagem, constituindo os efeitos da fala sobre o sujeito, o brincar da criança traz sua história, revelando quais foram os efeitos de linguagem e da fala em cada sujeito (Mrech, 2002).

Para Mannoni (1995), é graças à possibilidade de criar que o sujeito não fica prisioneiro de seus devaneios ou de um trauma sofrido possibilitando assim que a dor seja transposta. O desamparo vivido na infância pode constituir o próprio material da obra artística fazendo-se necessário um lugar reservado para o fantasiar. Este lugar constitui para Mannoni, uma Outra cena, onde o brincar pode se desdobrar e onde a transposição de uma angústia de viver, de um trauma, pode ter um efeito libertário. A autora também se refere às indagações de Freud quando este discorre sobre a compulsão à repetição em relação às situações desagradáveis, como acontece na neurose traumática e nas brincadeiras infantis. Desta forma, repetimos com vistas a transpor para Outra cena o evento perturbador.

Para Bettelheim (1980), uma das funções da narrativa dos Contos de Fadas é alimentar os recursos internos de que a criança necessita para lidar com seus problemas interiores, próprios do processo maturacional e refletidas em situações cotidianas. Os Contos de Fadas oferecem à criança algumas “sugestões” para elaboração dos conflitos de forma simbólica, propiciando no seu enredo elementos adequados para a elaboração destes conflitos. A linguagem simbólica é semelhante à linguagem dos sonhos e do próprio inconsciente. A partir deste raciocínio, Bettelheim discorre que a forma e a estrutura dos contos de fada sugerem imagens às crianças com as quais ela pode estruturar seus devaneios. As narrativas orais de Contos de Fadas se mostram, portanto, significativas a partir do momento que a criança encontra sua própria solução através da contemplação do que a história parece mostrar acerca de seus conflitos internos. O conteúdo do conto escolhido pode ou não ter a ver com sua vida exterior, mas através de um processo de devaneios e significação~ inconscientes acerca das situações vivenciadas no dia-a-dia e as situações apresentadas no enredo, a criança pode encontrar no conto a possibilidade de mobilizar recursos internos que a auxiliarão na solução de seus problemas interiores. (Bettelheim, 1980).

Metodologia e Análise dos resultados

O procedimento durante as sessões consistiu na narrativa oral de Contos de Fadas, por parte da pesquisadora e, sequencialmente na oferta de um espaço lúdico com materiais apropriados para a representação simbólica, sendo as sessões filmadas e transcritas na íntegra. No total, foram realizadas 14 sessões. As verbalizações analisadas foram compiladas a partir das ações desenvolvidas na aplicação de narrativas de contos populares e execução de atividades simbólicas, sendo que o material obtido a partir destas sessões foi analisado de forma temática, em termos de conteúdo das falas e ações da participante no decorrer das atividades propostas.

A participante desenvolveu, mediante estímulo dos contos populares narrados pela contadora \pesquisadora, desenhos, histórias e fabulações de faz-de-conta. O tema da fuga é recorrente nas sessões de Y e aparece ligado a alguns aspectos da vitimização

representada durante o faz-de-conta. Serão apresentadas a seguir algumas sessões desenvolvidas pela participante.

Na sessão em que foi narrada a história da Cinderela, *Y* incorporou no faz-de-conta o papel de Cinderela, chamando outra criança o tempo todo de mãe e aceitando passivamente suas ordens. Varria o chão além de realizar outras ações envolvidas na arrumação. O comportamento de *Y* durante o faz-de-conta chama a atenção pela obediência e servidão prestada à sua mãe. Sua voz é baixa, frágil e aguda e pergunta à sua mãe, representada por *X*, o que ela deveria fazer em seguida. A participante *X* ameaça *Y* de bater nela caso não arrume a casa e *Y* parece sempre com medo. No final da sessão, a pesquisadora sugeriu que elaborassem uma história. *Y* começou a desenhar um menino e uma menina, narrando: “(..) o menino estava sozinho ... a mãe dele foi para Pernambuco conseguir dinheiro ... ele fugiu de casa. A mãe chorou e procurou ele. A menina disse “não foge não”. A mãe não encontrou.”. Enquanto desenhava, fala que ela e a irmã foram ao baile e que *X* encontrou o príncipe.

Y parece retomar à temática de João e Maria, contada em sessões anteriores, ao desenhar duas crianças, um menino e uma menina saindo de casa. O tema da fuga surge. Desta forma, parece misturar elementos da sua própria história (fuga, mãe que viaja e deixa criança sozinha), com a moldura da história de João e Maria. Em seguida, parece fazer um elo entre as duas narrativas. Ao representar a história durante a brincadeira de faz-de-conta, *Y* se identifica com os aspectos marginalizados e vitimizados da Cinderela, mas não chega a representar os aspectos de superação da condição marginalizada do segundo momento da narrativa. *Y* não brinca de ir ao baile, não dança, permanecendo o tempo inteiro dentro da casa realizando os serviços domésticos que a mãe-madrasta manda. A participante *Y* parece não se apropriar dos aspectos positivos que revelam superação na história de Cinderela, identificando-se, no máximo, com o sentimento de inveja das irmãs ao verem Cinderela dançar com o príncipe, aquela que consegue superar sua condição de vitimizada.

A história “A noiva de verdade” em que a heroína tem que realizar tarefas impossíveis para sua madrasta sob pena de punição, propiciou o surgimento de conteúdos por parte da participante *Y* que elaborou no faz-de-conta um espaço reservado para a constituição de uma casa. Para montar a casa, *Y* se apropriou dos objetos utilizados pela pesquisadora para a contação de histórias. *Y* foi receptiva à entrada da pesquisadora (*P*) e não parou de brincar e manipular os objetos. Anuncia:

Y: “eu vou arrumar a casa”*P*: “por que?”*IY*: “minha mãe que mandou”*P*: “ah, é sua mãe que mandou ...”*IY*: “foi, todinha”*IP*: “e depois de arrumar a casa, o que vai acontecer, princesa?”*IY*: “Vou arrumar a cama, arrumar a casa, lavar a roupa e varrer a casa (..) e lavar a louça (.) minha mãe vai sair e deixar eu almoçando aqui na cozinha”*P*: “quem vai comer aqui com você?”*IY*: “eu ... minha mãe vai para São Paulo vai chegar e vai jicar cansada.”*IP*: e quem vai jicar com vc princesa? *I Y*: ninguém, eu é que vou jicar.

O tema “ficar sozinha” parece uma constante nos relatos de *Y* que transmite alguns dados de sua vida, como a mãe que viaja para São Paulo, ou que simplesmente sai, deixando-a sozinha. *Y* se identifica, claramente com a personagem que realiza tarefas

difíceis para sua madrasta. Lavar uma louça para uma criança de 5 anos deve ser tão difícil quanto retirar toda a água de uma piscina com uma colher furada para um personagem do reino das fadas (elementos do conto narrado). Assim, o fato de *Y* ter se identificado com estes aspectos da história pode oferecer elementos de como ela se percebe no seu ambiente, ou seja, demonstra a visão que *Y* tem de si própria em relação aos conteúdos que foram despertados a partir da narrativa. Em seguida, *Y* imagina que tem um irmão que chega da escola, relata que seu irmão bate nela e que sua mãe bate também, “até de cinta”.

Y: minha mãe viajou e meu irmão chegou da escola daí ele vem ... aí eu vou láfora, me escondo e bato o sino (toca o sino) e ele vem e bate na porta da casa (...) minha mãe foi viajar ... e eu tenho que deixar tudo ajeitado.

P: e o que acontece? *Y*: meu irmão me batel *P*: mas e com sua mãe? *Y*: (pausa) ela vai viajar, e eu tenho que deixar tudo ajeitado *P*: por que vc tem que deixar tudo ajeitado? *Y*: aí quando ela chega de viagem, ela vem, passa mal, ela chega de ônibus

...

A fala da criança sugere que as narrativas orais podem servir como um suporte, reunindo em si um repertório de elementos que despertam na criança conteúdos relacionados às suas vivências pessoais. Desta forma, o faz-de-conta se estruturou em tomo dos elementos oferecidos pelo conto, ao mesmo tempo em que condensou alguns aspectos da história de vida da criança. Esta conjunção de elementos expressos no discurso do faz-de-conta só foi possível diante uma identificação direta da criança com a heroína do conto.

Depois da história “A Bruxa Salomé”, *Y* escolheu o castelinho de madeira e alguns tecidos. Realizou o seguinte relato, espontaneamente:

Y: “eu estava lá no abrigo ... querendo tomar mamadeira. *P*: o que vc foi fazer no abrigo? (*Y* coloca os tecidos dentro do castelo)*Y*: fugindo (fecha o castelinho)*P*: te acharam e levaram para o abrigo ... *Y*: nós é que fomos sozinhas (abre e fecha o castelinho; sobe em cima) .. .Aí 5 vezes eu fugi e cinco vezes minha mãe buscou a gente no conselho tutelar e na polícia, e na estação ... *IP*: conta .. por que você fugiu? *IY*: porque (pausa) ... que nesta semana eu fugi junto com a minha irmã e aí eu fugi ... (abre a porta do castelinho; percebe que a linha da porta do castelinho está desfiada e que a porta não fecha direito)*P*: lembra da última história que eu contei *IY*: da bruxal *P*:daquela que tem a boneca loira ... ela também tinhafugido de casa, não tinha e por que ela fugiu de casa?*lr*:- porque não queria mais (...) e ainda bem que eu tomei banho passei shampoo e creme. (*Y* coloca todos os objetos que estão ao redor dentro do compartimento do castelinho; fecha o castelo) *lr*:- falta esse ... ai meu deus, tem que colocar este aqui ... (emite expressão de angústia porque deseja que todos os objetos fiquem dentro da caixa) *P*: tem que tirar algumas coisas de dentro para colocar esta peça ... você parece não está gostar que esta peça fique para fora do castelo ... (*Y* retira novamente as coisas de dentro). Pesquisadora se aproxima e a ajuda a colocar de volta.

Na sessão anterior havia sido narrada a história do Bicho Peludo, onde a heroína da história foge de casa. Quando esta história é citada e a criança relembra os motivos

que levaram a heroína a fugir, aponta, com nítido alívio, o fato de ter tomado banho e passado shampoo, demonstrando sua necessidade de ser cuidada pela mãe. Esta fala é acompanhada pelo movimento de colocar as peças dentro do castelo. Porém, apesar deste conteúdo ter sido lembrado pela pesquisadora, a história que estava mais presente para Y naquele momento era história narrada da Bruxa Salomé, como ela própria identifica. Nesta história vemos duas figuras: a de uma mãe, bondosa e carinhosa, e uma bruxa que seqüestra as crianças, transforma-as em alimentos e as leva para sua casa, no meio da floresta, onde pretende devorá-las. A mãe resgata as crianças da casa da bruxa. A mãe neste conto parece representada de forma condensada pelos dois personagens principais, já que a mãe real também possui seu aspecto de bruxa, ao negar obtenção de prazer ou punindo, algumas vezes até de forma violenta, como no caso de Y. Desta forma, o conteúdo narrado pela criança possui algumas semelhanças com o conto. Assim como a sua mãe, a mãe do conto sai e deixa os filhos sozinhos em casa. Y e a irmã fugiram e foram parar em um abrigo em São Paulo, como as crianças que foram para a casa da bruxa, tendo sido resgatadas pela mãe algum tempo depois. Nota-se no relato da participante sua necessidade de tomar mamadeira quando chega ao abrigo, regredindo seu comportamento e expressando a necessidade de maternagem. Este conteúdo verbalizado parece intimamente relacionado com as escolhas dos objetos para brincar e com a forma como ela brinca: fechando e abrindo o castelinho, colocando e retirando objetos de dentro dele. A realidade da fuga era um tema não apenas conversado, mas revivido pela criança. A criança narra como se o fato tivesse ocorrido recentemente e a intensidade com que utilizou os objetos durante a narrativa também sugere um discurso diretamente atrelado a sentimentos que estavam sendo revisitados pela criança (ficar dentro, ficar fora).

Na sessão em que a história de Branca de Neve foi narrada, Y utiliza a mala de madeira que representou a casa dos sete anões para entrar e se trancar dentro, iniciando uma expressão lúdica que se tornaria marcante e repetida nas sessões seguintes. Y pede para que alguém bata na sua porta. A pesquisadora se oferece para realizar a ação solicitada pela criança:

P: abriu a porta! Oi tudo bom? Y: oi, tava dormindo ... P: esta é a sua casa? Y: é ... minha mãe saiu ... ela foi no mercado comprar umas frutas ... P: e com quem vc está aí dentro? Y: com ninguém ... (..) estou sozinha com Deus ... P: e como vc está se sentindo? Y: nada ... tchau ... (faz menção de querer fechar a porta da mala; pesquisadora ajuda a fechar a mala. Depois dirige-se à mala e bate na porta.)?: a sua mãe já chegou? Y: não ... está chegando ... IP: e vc vai ficar aLe o que vc estáfazendo? Y: comida para quando a minha mãe chegar.

A sessão fica marcada pela necessidade de se trancar, reforçada pela ação de se fechar dentro do armário da sala. A utilização da mala enquanto expressão lúdica teve continuidade em outras sessões, sendo que estas ações estavam sempre atreladas à narração por parte da criança de que estava sozinha em casa, esperando a mãe. A utilização do objeto “mala” possibilitou à criança a expressão de determinados conteúdos voltados para sua realidade sendo pertinente a reflexão sobre as significações construídas a partir desta ação lúdica. Para Mrech (2002) é necessário saber como a criança constrói

os objetos interiormente, ou seja, como vai tecendo símbolos e imagens, ao mesmo tempo em que é tecida pela linguagem e fala. É a matriz simbólica estabelecida através da linguagem e da fala que irá constituir o sujeito. No caso desta participante, percebe-se o quanto a fala foi atrelada às ações lúdicas, parecendo intrínsecas a uma realidade expressa.

O conto “Irmão e Irmã” relata a história de dois irmãos fogem de casa, cansados dos mau’s-tratos da madrasta. Por encantamento o irmão se transforma em um cervo e a irmã passa a cuidar dele. Depois de muito andarem encontram uma casinha no meio da floresta e passam a morar nela. Y ficou muito atenta no início da história, principalmente a parte em que as crianças fogem, repetindo como um eco, algumas frases da pesquisadora (“trovões e chuva”; “morando na floresta”). Na sessão, logo após a história, Y pede colo para a pesquisadora que a leva para a sala da forma solicitada pela participante, que parece regozijar-se com isso, esboçando sorrisos. Estas ações parecem sinalizar por parte da participante uma necessidade de regredir, uma necessidade de ser cuidada, como se transportasse para um outro tempo, um outro lugar, ou Outra cena, como nos fala Mannoni. Ainda nessa sessão, a mala aparece novamente como um importante objeto para o desenvolvimento das ações lúdicas por parte de Y. O movimento de fechar-se, sobretudo em posição fetal, dentro da mala, é constante, mas, ao mesmo tempo, solicita que a pesquisadora se aproxime dela. Parece querer se esconder, mas coloca um dedinho para fora, fazendo algum contato. A pesquisadora criou um vínculo com a participante que a permitiu suscitar imagens (como a de um bebê) e estabelecer com Y um jogo lúdico, onde a expressão dos afetos esteve presente (pesquisadora acaricia seu rosto). A participante parecia querer vivenciar o “fechar-se” na mala, mesmo que demonstrasse a sensação de solidão ao se referir à demora da mãe. Nesta sessão, ainda se trancou dentro do armário, voltando para a mala em seguida, fazendo-a de cama e solicitando que a pesquisadora a cubra com todos os tecidos disponíveis na caixa. Nesta ação lúdica, parece nítida a necessidade de ser cuidada expressa pela criança ao solicitar que a pesquisadora a cubra de cobertores (tecidos). Suas ações durante esta sessão se revelaram, assim, mais concretas e cruas, no nível das sensações, o aperto da mala, o escuro do armário, sem fabulações e emedios fictícios e reais.

Na história de João e Maria, o principal conflito é o medo de abandono, ser jogado no meio de uma floresta sozinho com o risco de ser devorado pelas feras. Nos temas de faz-de-conta que Y desenvolveu, o tema do abandono também se evidenciou, retratando, muitas vezes de forma verbalizada, alguns aspectos de sua realidade, como ser deixada sozinha em casa e as histórias de fuga perpetradas por ela. O abuso físico surgiu como um conteúdo expresso a partir do contexto lúdico, retratando sua realidade e seus sentimentos de medo e submissão. A partir da análise das verbalizações emitidas durante as ações lúdicas desenvolvidas, foi possível considerar que as narrativas orais podem oferecer elementos que estruturam o faz-de-conta, propiciando, ocasionalmente, a expressão da realidade de vida e vivência da violência sofrida.

A análise destas sessões, porém, ainda está em curso, sendo que a autora realiza no momento reflexões sobre a forma como a criança se constitui como sujeito no contexto da violência, principalmente diante a recorrência temática do faz-de-conta, na utilização dos objetos e na sua própria fala. Como diz Lacan (*apud* Mrech, 2002), é preciso que

nós percebamos que o sujeito, a criança, está em outro lugar, distinto de tudo que escrevemos e falamos sobre ela. O saber será sempre incompleto, não podendo ser reduzido a um saber universal que destitui na sua formulação, a verdade do sujeito.

Referências Bibliográficas:

- BETTELHEIM, B. (1980). *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Editora paz e terra.
- MANNONI, M. (1995). *Amor, ódio, separação - o reencontro com a linguagem esquecida da infância*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- MRECH, L. M. (2002). “Além do sentido e do significado: a concepção psicanalítica da criança e do brincar”. T.M. Kishimoto (org). *O brincar e suas teorias*. 155-172. São Paulo: Editora Pioneira.